

## O deslocamento de sentido na construção discursiva do governo Bolsonaro para a defesa do uso do tratamento precoce para Covid-19

### *The displacement of meaning in the discursive construction of the Bolsonaro government for the defense of the use of early treatment for Covid-19*

Saulo Bastos<sup>1</sup>  
Marlon Leal Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo visa-se analisar o funcionamento discursivo do deslocamento de sentido no uso da cloroquina no tratamento precoce para Covid-19. Diante disso, o deslocamento de sentido é focalizado durante o período de pandemia de Covid-19, em que o discurso de desinformação é tomado na fabricação e reprodução na *internet* e compreendido a partir da construção discursiva da posição sujeito, neste caso do governo Bolsonaro (2019-2022). Promoveu-se uma disseminação de desinformação sobre medicamentos ineficazes para tratar Covid-19. Tendo como efeito de sentido o funcionamento discursivo das desinformações que propagavam o uso do tratamento precoce para Covid-19, por razões político-partidárias. Esta pesquisa situando-se nos conceitos da Análise do Discurso Francesa em Orlandi (2005; 2007; 2020) e em Pêcheux (1999). Dessa forma, a abordagem metodológica é realizada com levantamento dos dados de perfil no *X* (antigo *Twitter*) oficial da Secretaria de comunicação social do governo, com publicações acerca da defesa do tratamento precoce. O *corpus* é constituído a partir de recortes discursivos que investiga os sentidos que se materializam no discurso por meio da língua e da história sobre a defesa do tratamento precoce para Covid-19.

**Palavras-chave:** Covid-19. Desinformação. Deslocamento. Discurso. Tratamento precoce.

**Abstract:** The general objective of this research is to analyze the discursive functioning of the displacement of meaning in the use of chloroquine in the early treatment of covid-19. In view of this, the displacement of meaning is focused during the period of the covid-19 pandemic, in which the discourse of disinformation is taken in the fabrication and reproduction on the internet and understood from the discursive construction of the subject position, in this case the Bolsonaro government (2019-2022). In view of this, the disinformation that took over the digital media with lies about medical guidelines that minimized and/or omitted information in the pandemic period and promoted the dissemination of false news, or fake news, about ineffective drugs to treat covid-19. This movement was created to ideologically question subjects who shared the same point of view as the Bolsonaro government and, with that, link the drugs of the so-called early treatment, such as: chloroquine, hydroxychloroquine, among others. Having as a meaning effect of the discursive functioning of the disinformation that propagated the use of early treatment for political-partisan reasons. Situated in the concepts of French Discourse Analysis, the object of study is constituted by Discursive Clippings extracted from the government's official social network.

**Keywords:** Covid-19. Disinformation. Displacement. Speech. Early treatment.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

## Introdução

Neste trabalho será analisado o funcionamento discursivo do deslocamento de sentido no uso da cloroquina, que originalmente serve para doenças autoimunes, no tratamento precoce contra Covid-19 publicizado e difundido na *internet* pelo governo Bolsonaro. O medicamento tem a finalidade principal de tratar doenças como malária e lúpus e teve seu sentido deslocado para tratar do novo Corona vírus. Este discurso foi instaurado, pelo governo do então presidente Jair Bolsonaro, para mobilizar sujeitos a defender a utilização dos medicamentos ineficientes para o novo Corona vírus.

A coleta de dados parte de ocorrências vinculadas na rede social *X* (antigo *Twitter*), pelo governo e seus aliados. Para isso, o objeto de estudo se delimita a publicação da Secretaria de comunicação do governo, datada de maio de 2020.

O discurso desinformativo por parte do governo Bolsonaro é investimento para atravessar um posicionamento ideológico com a demanda de uma memória política que reformula essa prática fincada no autoritarismo, conservadorismo e radicalismo. Essa configuração da prática do discurso busca incorporar sujeitos que se identificam com valores e com o comportamento de extrema-direita como modelo da gestão pública.

Nesse sentido, o fenômeno da desinformação apresenta-se por meio da formação discursiva (FD) com a qual o sujeito se identifica, e seu discurso decorre do processo de constituição ao ser interpelado pela ideologia no interior da FD no qual se inscreve, o caráter histórico-social que evidencia o efeito de sentido da relação entre sujeitos. Dito isto, a prática de espalhar mentiras sistematicamente em um projeto estruturado que tem posição político ideológico para legitimar e ratificar um movimento orquestrado globalmente de desinformação.

O deslocamento é o processo de ultrapassagem dos limites testado pelo sujeito e pelo sentido, criando seus percursos no movimento simbólico que não se fecha, e a língua e a história se materializam no discurso. Orlandi (2020) diz: “essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos”.

O lugar social do funcionamento discursivo da desinformação é tido no interior do processo de questões que se relacionam com a manifestações da linguagem. Desse modo, a constituição, a formulação e a circulação do discurso são compreendidas na reprodução, disseminação e comentários nas redes sociais. Nesta conjectura, o ambiente virtual é o principal espaço para desinformar, o que cria um ecossistema baseado em crenças, em sentidos e na linguagem.

O deslocamento de sentido ocorre quando o sujeito se significa e derivam novas formas de sentidos e posições. A partir disso, pensamos que a reconfiguração e a resignificação do deslocamento de sentido na defesa da cloroquina e da hidroxiclороquina para Covid-19, compreende no

funcionamento discursivo a relação que se estabelece entre sujeito e ideologia, na qual resulta no efeito de sentido. Para Orlandi (2020), a memória discursiva está ligada à relação situada em outros discursos, isto é, no já-dito que provoca um rompimento na ordem do repetível, já que o deslizamento de sentido reorganiza a memória e que estabelece o movimento de novas formulações e circulam em outros sentidos de medicamentos contra a Covid-19, cujos sentidos derivados tornam-se outros.

A problemática se articula na lógica do governo Bolsonaro em estimular uma desordem social e sem regra para medidas de prevenção e combate da Covid-19, no entanto orientou o tratamento precoce, mesmo comprovadamente sem eficácia para combater os sintomas da Covid-19, e criticou sucessivas vezes as medidas sanitárias para conter o avanço do vírus.

De tal modo que o discurso do uso de cloroquina convergiu com o fenômeno da desinformação e esta articulação levou ao processo de regularização de dizeres favoráveis ao tratamento precoce ao se configurar como movimento anticência, bem como das medidas sanitárias. A partir disso, o deslocamento de sentido fez com que sujeitos, vinculado a dada formação discursiva, se automedicassem com remédios ineficazes para tratar Covid-19.

O funcionamento ideológico na discursividade teve o intuito de estabilizar, de forma parafrástica, no repetível e o deslocamento de sentidos, assim, se articula com a história e se atualizar no dado contexto pandêmico. Sugere-se dizer que o deslocamento de sentido no discurso promove o uso da cloroquina que trata doenças autoimunes e malária e passa a servir ao discurso de tratar a Covid-19.

Destaca-se ainda que, o *ciberespaço* no processo discursivo que intermedia a relação entre diferentes sujeitos no ambiente digital, além do comportamento de interação entre sujeitos relacionados às novas tecnologias que ampliam a disseminação de conteúdos mentirosos.

A propagação do discurso desinformativo está ligada intrinsecamente à cibercultura presente com a facilidade de acesso ao meio digital por sujeitos, bem como sua forma de uso de tecnologias digitais. Diante disso, Rüdiger (2013) afirma que a democracia, formada por comunidades da sociedade civil, é capaz de harmonizar um sistema mundial que possibilite a cidadania e as instituições para evitar a violação das instituições democráticas. O ciberespaço pode convergir pessoas a agir e se reunir com os mais diversos tipos de ideias, o que consiste no poder de natureza para manter o sistema e com densidade histórica.

[...] constata-se, porém, um movimento combinado que resulta em importante decisão no tocante à fortuna desse contraponto. Por um lado, verifica-se o triunfo do imaginário capitalista, da ideia de expansão ilimitada de um pretense domínio racional sobre a existência. De outro, ocorre o apagamento ou atrofia da outra grande significação imaginária dos tempos modernos: a da autonomia política, política social e individual da humanidade (Rüdiger, 2013, p. 267).

Podemos dizer que a cibercultura inserida no contexto do movimento com que se faz avançar o sistema da indústria cultural, constitui-se como uma cibercultura levada a cabo pelo capitalismo, que

se conecta com um processo de racionalização econômica, tecnológica e maquinista. Este fenômeno se sofisticou e endossa um movimento estruturado com interesses econômicos, políticos e ideológicos.

Com isso, a disseminação de desinformação nas mídias sociais por meio da descontextualização, a fim de que fossem facilmente reproduzidas, propicia que sujeitos alinhados à ideologia conservadora espalhem desinformação mais corriqueiramente, reforçando suas crenças e valores. Assim, afeta um cenário polarizado o qual é endossado pelo consumo de informações falsas nas mídias sociais conforme o grupo do qual fazem parte e o que favorecer disputas de discursos de grupos polarizados.

### **As condições de produção do discurso no deslocamento de sentido: quadro teórico**

Para a AD, o sujeito ao tomar o sentido em dada posição, se subjetiva conforme engendra seu lugar, posicionando-se no discurso; sua posição-sujeito é sua forma discursiva e se constitui ao mesmo tempo que o sentido, ao se articular com a língua e com a história, em que entra o imaginário e a ideologia no qual os dizeres se materializam. “É desse modo que se pode pensar o arquivo: a memória inscreve o discurso em filiação e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento” (Orlandi, 2007) e o deslocamento acontece como parte da incompletude que é uma condição da linguagem, pois nem sujeito e nem sentido são completos em uma abertura simbólica que ocorre no lugar do possível.

Orlandi (2020) diz que o deslocamento acontece como parte da incompletude que é uma condição da linguagem, pois nem sujeito e nem sentido são completos em uma abertura simbólica que ocorre no lugar do possível. Pensamos, então, que esse processo atesta a significação e o acontecimento a partir da abertura para determinar como a linguagem vai se referir entre os limites e as tensões da paráfrase e da polissemia.

Segundo Orlandi (2020) afirma, em termo gerais, que há também no processo polissêmico do deslocamento na ruptura dos processos de significação, “ela joga com o equívoco”, trabalha o que vai ser dito pelo sujeito, movimentando o sentido. Dessa forma, o sentido e a língua em relação à história é o que possibilita o deslocamento para a noção de sujeito que, para a AD, torna a realização do sujeito, da história e da língua e dessa conjunção deriva seu objeto de estudo: o discurso.

Na memória discursiva que surge, como acontecimento, a mudança de um discurso ou novos sentidos de um acontecimento histórico a partir dele, que por meio de novos enunciados são formulados justamente por serem desestabilizados. Ela vai estabilizar e reestabelecer os elementos internos de um discurso ou de um texto após a modificação dos sentidos rompidos do enunciado no acontecimento. Em Pêcheux (1999), “A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os implícitos [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” e os sentidos vão se reestabelecer no embate com outros sentidos até que as palavras façam sentido novamente em dada conjuntura.

Diante disso, o sujeito, ao dizer, significa conforme suas condições e leva em consideração a língua, suas experiências e relações com outros sujeitos para dar sentido. Nesse aspecto, a memória discursiva auxilia o sentido ao se inscrever em formações discursivas que representam no discurso as posições ideológicas, o que gera o deslocamento do sentido quando o sujeito se significa e, nesse caso, derivam novas formas de sentidos e posições. Como tratado adiante:

Entre o jogo e a regra, a necessidade e o acaso, no confronto do mundo e da linguagem, entre o sedimento e o a se realizar, na experiência e na história, na relação tensa do simbólico com o real e o imaginário, o sujeito e o sentido se repetem e se deslocam. O equívoco, o *non-sens*, o irrealizado tem no processo polissêmico, na metáfora, o seu ponto de articulação (Orlandi, 2020, p. 51).

Nesse caso, a memória discursiva, também conhecida como interdiscurso, está ligada à memória, isto é, tem relação com outros discursos já ditos e são ressignificados e reconfigurados para a compreensão do funcionamento discursivo na relação entre sujeitos e ideologia em confluência aos dizeres de uma formação discursiva. No que aborda Orlandi (2020, p. 41-42), o interdiscurso disponibiliza dizeres determinados pelo já dito constituído em uma formação discursiva em relação a outra, então, os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua, mas dependem da relação constituída nas formações discursivas. A autora ainda afirma que:

Por seu lado, a memória funciona com versões enunciativas, imagens do dizer. É desse modo que se pode pensar o arquivo: a memória inscreve o discurso em filiação e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento. As diferentes versões são efeitos das relações de sentido (relação de um discurso com outros), das relações de forças (relação de um discurso com o “lugar” de que é falado) (Orlandi, 2007, p. 132).

Diante disso, a memória tende a incorporar o acontecimento e o regularizar no discurso do processo parafrástico para se reestabelecer, mas quando o acontecimento atravessa a memória, desloca e desregula os enunciados, o que conflita os sentidos. Pêcheux (1999) diz que a questão da regularização e repetição dos itens lexicais e enunciados no espaço de estabilidade acontece para caracterizar uma identidade produzida por recorrência a partir das mesmas palavras e, mesmo que se divida em outro enunciado no processo de metáfora, a formação parafrástica acontece por repetição vertical.

Desse modo, a memória discursiva auxilia o funcionamento discursivo como suporte semântico na repetição para regularizar o discurso. Por assim dizer, a função da memória discursiva é de estabilização do discurso que pode ser rompida por um novo acontecimento discursivo.

Posto isto, é no discurso que o discurso e a língua enquanto uma relação sistemática não existe, pois esta prática não é uma regra organizada e homogeneizada de forma lógica, mas sim apresenta-se individual e subjetiva em determinar como este processo se constitui. Logo, o sujeito estabelece aspectos que não se desvinculam dos condicionantes linguísticos ao produzir sentidos, os quais significam as inúmeras possibilidades acerca da materialidade discursiva.

A prática discursiva se dá na fronteira da língua que é posta na condição de possibilidade do discurso, e é constituída em meio às condições de produção, pois as relações sociais se materializam ao

considerar o caráter sócio-histórico em que se possa trabalhar o sujeito e sentido no discurso. Por isso, o discurso é um *continuum* que não se esgota em um dado contexto.

Na perspectiva da AD, Orlandi (2020) destaca o recorte teórico entre a língua e o discurso como:

A Análise do discurso faz um outro recorte teórico relacionando língua e discurso. Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos. As sistematicidades linguísticas - que nessa perspectiva não afastam o semântico como se fosse externo - são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade do discurso. No entanto a fronteira entre língua e discurso é posta em causa sistematicamente em cada prática discursiva [...] (Orlandi, 2020, p. 20).

A partir disso, Orlandi (2005, p. 9) considera que a produção do discurso se finca na relevância da formulação e da circulação. É na formulação e na circulação dos discursos que a “formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)” (Orlandi, 2005). A formulação se materializa pelo equívoco, e o sentido atravessa o processo que ocorre no simbólico ao constituir significados. Por assim dizer, sujeito e sentido constituem-se ao mesmo tempo e articulados na materialidade da língua com a materialidade da história, logo, o sujeito e a linguagem não são transparentes, pois são atravessados de discursividade que confronta pela memória que tem sua forma e funciona ideologicamente.

A formulação, então, está determinada pela relação que estabelecemos com o interdiscurso [...] o saber discursivo que foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres, a memória que tornou possível esse dizer para esses sujeitos num determinado momento e que representa o eixo de sua constituição [...] todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (Orlandi, 2020, p. 31).

Orlandi (2005) diz que o sujeito é determinado pela exterioridade em sua forma-sujeito histórica e se constitui por essa ambiguidade de determinar o que diz, a formulação é o lugar de contradição em que o acontecimento discursivo se realiza para que o sujeito possa manifestar seu dizer e materializar o texto. Assim, a formulação do discurso pode ser reformulada, o que remete ao interdiscurso como rede de formulações e isso estabiliza os objetos dos discursos já pré-construídos, demonstrando a constituição de enunciado, o que pode gerar o deslocamento, em uma formação discursiva e seus sentidos.

Assim, a natureza incompleta do sujeito, dos sentidos e da linguagem no movimento simbólico formula, no interdiscurso, meios para estabelecer sentidos vinculados à identidade e na subjetividade retomam e projetam outros sentidos. Por isso, ainda que a filiação ocorra pelo discurso de uma dada condição de produção, o deslocamento pode acontecer dentro dessa conjuntura e as estabilizações podem impedir que o significante não se desloque e, assim, o sentido não flui, isto é, ao invés dos dizeres terem sentido, apenas permanecem no lugar já estabelecido e o dizer acaba por se repetir.

## **Materialidades da desinformação no contexto pandêmico brasileiro: governo Bolsonaro (2019-2022)**

O discurso pandêmico esteve calcado em manter as relações de produção, e isso é inserido no campo das instituições. Em tal contexto, a escala do poder político e da luta de classes está associada ao lucro e à prosperidade do capitalismo na exploração da classe operária. Neste sentido, para tratarmos da materialidade no contexto pandêmico promovidos pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIEs), que respondem pelo discurso, em sua maioria, no contexto de desinformação que elucidam a pandemia do Covid-19.

Dessa forma, a representação ideológica ocorre na relação entre sujeitos, os quais são sociais de todas as classes e travam suas lutas ao impor seus interesses no interior dessas relações que se projeta os AIEs. Nesse ponto, é a ideologia que atravessa o inconsciente do sujeito e se materializa em dado discurso pelo simbólico, pelo imaginário, pelo histórico-social etc., que representa uma determinada formação discursiva (FD).

Para fins de contextualização, as primeiras materialidades da pandemia no Brasil se originam, segundo Calil (2021), com o caso do chamado “paciente zero”, que foi confirmado em 25 de fevereiro de 2020; o registro do primeiro óbito, que ocorreu em 27 de março de 2020; os rumos tomados pelo governo Bolsonaro, que se consolidaram no dia 24 de março de 2020, pelo pronunciamento em rede nacional com um discurso negacionista. Ainda, as medidas do ministério da saúde foram anunciadas em 13 de março de 2020, com 151 casos confirmados de Covid-19. Calil (2021) ainda explana que, após a saída de Mandetta à frente do ministério da saúde, o número de mortes ocasionadas por Covid-19 teve um crescimento exponencial, assim como a defesa por tratamento precoce.

Além disso, houve, por parte do governo, a contestação da veracidade dos registros de óbitos, e toda situação foi amplificada pela disseminação de *fake news* para boicotar as medidas de prevenção à pandemia. Adiante, dois momentos que repercutiram a postura do presidente Jair Bolsonaro. Em 28 de abril de 2020, ele foi questionado por jornalistas sobre o Brasil ter superado o total de mortes por Covid-19 – na época, com 5.017<sup>3</sup> – em relação à China, que tinha 4.643 óbitos. Durante a coletiva de imprensa, o presidente disse: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (Figura 1). Essa materialidade, que se constitui em um momento histórico, gera sentidos no espaço político-ideológico, ao repercutir em diferentes redes de filiação a partir do “E daí?”. Esse discurso circula principalmente na materialidade do discurso oficial de um representante de Estado e seu registro no que tange ao descaso com as vítimas da pandemia na grave crise sanitária.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 11 out. 2022.

**Figura 1 – Bolsonaro responde a imprensa com “E daí?”.**



Fonte: reprodução G1 (2020)

Já em 18 de março de 2021, em suas lives de quinta-feira<sup>4</sup>, o presidente Jair Bolsonaro imitou pacientes com falta de ar para criticar as medidas do ex-ministro Luiz Henrique Mandetta (Figura 2), e essa mimetização da asfixia também denota o drama enfrentado pela lotação de leitos, além da falta de respiradores enfrentada pelo colapso na cidade de Manaus, Amazonas.

Ainda nessa discursividade, Bolsonaro defendeu o tratamento precoce, sem eficácia, para combater os sintomas de Covid-19 e criticar as medidas sanitárias para conter o avanço do vírus. Isso se configura ao pensarmos no processo de regularização que articula o discurso, de forma parafrástica, no intuito de estabilizar, no repetível, para que o funcionamento ideológico e o deslocamento de sentidos se articulem na história e se atualizem.

**Figura 2 – Bolsonaro imita pacientes de Covid-19 com falta de ar.**



Fonte: UOL (2021).

---

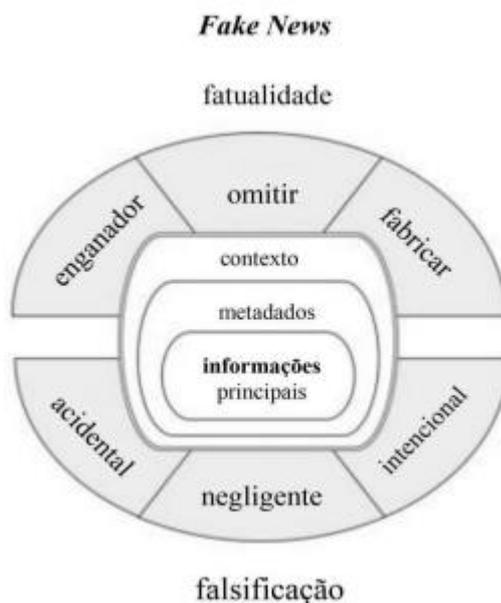
<sup>4</sup> Vídeo na íntegra em: [https://www.youtube.com/watch?v=g4K\\_WlfUhuI](https://www.youtube.com/watch?v=g4K_WlfUhuI). Acesso em: 11 out. 2022.

As materialidades da gestão da política do caos e a figura do chefe do poder executivo constituem-se como a representação dos AIEs. Para Althusser (1985) as relações de produção em que se constitui o aparelho repressivo de Estado se desenvolve a função da ideologia dominante e da classe dominante.

A hegemonia da classe dominante visa um representante no cargo da presidência da república que perpetue os valores elitizados, nos quais se estabelecem a naturalização das barbáries e a marginalização de grupos sociais tidos como minorias, para sufocar (literal e metaforicamente) a sua existência e sua fala dentro de um campo político concentrado nas mãos de uma verdadeira minoria que quer controlar o regime político brasileiro, a economia, a justiça (ou apelar para a ausência dela) e, assim, ganhar força no centro do poder político e institucional público.

Nesse sentido, as redes sociais foram o epicentro ao espalhar desinformação e a sistematização de *fake news* causou desordens não apenas em veículos de imprensa tradicional, mas também nas organizações governamentais e não-governamentais, a exemplo de *fake news* para boicote às medidas sanitárias da Organização mundial da saúde (OMS) como: isolamento social, uso de máscara e álcool em gel. Toda essa lógica estabeleceu um ecossistema de desinformação na produção e disseminação de *fake news*, como descreve Quandt *et al.* (2019):

**Figura 3 – Sistematização do funcionamento de uma *fake news*.**



Fonte: Quandt *et al.* (2019, p. 2, tradução nossa).

Na figura acima, os autores apresentam uma sistematização da fabricação de *fake news* no processo de constituição para imitar o formato da notícia, em que se leva em consideração aspectos e recursos contextuais. Para os autores, no que concerne a uma campanha de desinformação, pode ser

mais fácil ou difícil de detectar uma *fake news*, o que depende para um prejuízo potencial e estratégico com menor ou maior grau, com intuito de manipular.

Quandt et al. (2019) afirmam que, apesar das considerações em busca de uma definição acadêmica, as práticas centradas na fabricação de *fake news* também devem ser consideradas, pois o comportamento do fenômeno não é unidimensional, e que a retórica da dúvida recai quanto ao valor de verdade ou falsidade da *fake news*.

Kalsnes (2018) afirma que a intenção por trás de uma *fake news*, geralmente, é ligada a motivos políticos e/ou econômicos, pois o conteúdo desinformativo parece ser legítimo enquanto carrega teorias conspiratórias ou assuntos carregados de apelos emocionais, bem como pode haver publicidade com artigos de opinião, que são financiadas por um patrocinador. Em vista disso, Kalsnes (2018) declara que, quando uma *fake news* é criada por alguma entidade política para influenciar ou enganar a percepção do público, na maioria das vezes, beneficiam explicitamente uma figura pública, organização ou governo no embate público a outras ideias que visam ser combatidas com desinformação. A autora completa a discussão:

A fabricação de notícias é publicada como artigos de opinião para criar legitimidade e imitar as notícias, e seu criador tem a intenção de enganar, seja por motivos políticos ou financeiros. Uma vez que o leitor suspende a credulidade e aceita a legitimidade da fonte, é mais provável que confie e não verifique. Da mesma forma, o conteúdo visual, a manipulação de fotos e de imagens ou vídeos reais, cria uma narrativa falsa para descontextualizar e assim manipular (Kalsnes, 2018, tradução nossa).

Muito embora os autores problematizam uma definição, o que podemos inferir dessa discussão é que existe um consenso, enquanto o termo desinformação se adequa para esse fenômeno complexo, o termo *fake news* abrange apenas as possibilidades midiáticas pelas quais se pode entender superficialmente esse fenômeno, sem que haja uma maior compreensão das práticas e fatores que implicam uma desordem da informação, indo além de um projeto estruturado com fabricação e disseminação de conteúdo enganoso e manipulado. Apesar de o termo *fake news* se apresentar como genérico, demonstra-se, no entanto, como modalidade da desinformação para restringir algumas práticas, como projeto político-partidário.

Outro ponto, tratado por Santaella (2019) são sobre as bolhas ou filtros personalizados, que podem ser promovidos por algoritmos, que, por meio de buscas, promovem uma segregação de assuntos ideológicos com uma visão unilateral e, quando arraigada, gera crenças fixas e torna os usuários na internet vulneráveis à manipulação, o que limita o ponto de vista e compromete a privacidade do usuário. De acordo com a autora, os filtros personalizados incluem históricos de busca, interação e resultados de provedores de serviços; e o problema está na invisibilidade de como os algoritmos funcionam, eles formam a bolha com precisão ao seguir o perfil do usuário. Desse modo, a autora conclui:

As bolhas, portanto, são constituídas por pessoas que possuem a mesma visão de mundo, valores similares e o senso de humor em idêntica sintonia. Isso se constitui

em um ambiente ideal para a proliferação de memes e de trolagem, esta última uma espécie de trote que visa levar as pessoas a tomarem a sério uma brincadeira enganadora até o ponto de se sentirem lesadas, quando se comprova a funcionalidade da trolagem. Esses tipos de humor com propósito de enganar são peças fáceis para se tornarem virais, especialmente porque empregam como coadjuvantes imagens, legendas e chamadas sensacionalistas (Santaella, 2019, p. 11).

Um exemplo, no Brasil, foi a suspeita do uso de robôs durante a greve de caminhoneiros no governo Temer, em 2017, a qual teve início pela mobilização de centrais sindicais com apoio de partidos de esquerda. Foram identificadas mobilizações contrárias à greve geral com a *hashtag* #agrevefracassou, utilizada na rede social X (antigo *Twitter*), a qual entrou nos assuntos mais comentados na Índia, na figura abaixo, o que levantou suspeitas do uso de *bots* e *clickfarms*<sup>5</sup>.

Figura 4 – Publicação do *Trendsmap* Índia com a #agrevefracassou nos assuntos mais comentados do país.



Fonte: *Trendsmap* Índia (2017).

Na imagem acima, é possível identificar, por meio do perfil *Trendsmap*, que anunciou a *hashtag* brasileira e com mensagens em Língua Portuguesa, como ela teve relevância entre os assuntos na Índia. Isso denota o auxílio de robôs, que foram utilizados para tornar o assunto popular.

<sup>5</sup> São perfis falsos criados para aumentar a popularidade de contas em redes sociais e a Índia é um dos países conhecidos por abrigar *clickfarms*.

Atualmente, o cenário de desinformação se amplia como um fenômeno que se abrange como estratégia integrada em diferentes âmbitos e áreas do conhecimento, que se debruçam para compreender a manifestação. Além disso, na relação de intersubjetividade e de reconfiguração social neste contexto, na era pós-verdade, a discussão em torno da desinformação é abordada com auxílio de estudos interdisciplinares que se debruçam sobre o tema em contexto filosófico, histórico, psicológico, entre outros, os quais se complementam e ampliam as questões contemporâneas que se desenvolvem nos interesses da fabricação e disseminação de *fake news*.

### **O deslocamento de sentido em discursividades do governo em defesa do tratamento precoce para Covid-19: análise dos dados**

Este trabalho tem como procedimentos adotados a análise do discurso de corrente francesa. Neste aspecto, a unidade de análise pressupõe que o objeto discursivo corresponda ao material analisado, já que procuramos compreender o modo como as formações discursivas se organizam no material e, posteriormente, o objeto discursivo vinculado às formações ideológicas. A proposta em analisar um discursivo “é a da construção de um dispositivo da interpretação” (Orlandi, 2020, p. 57), e esse dispositivo de análise caracteriza o sujeito em um lugar por seus ditos, e os seus não ditos, na constituição equivalente dos sentidos de suas palavras, isto é, oriundo de materialidade linguística e histórica.

Em vista disso, Orlandi (2020) afirma que “todo enunciado [...] é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar à interpretação” e o enunciado também se torna outro ao ser interpretado na manifestação do inconsciente e da ideologia, na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos, por isso a prática discursiva enquanto formação do *corpus* é agrupada para análise.

As questões que guiam e adequam o método da pesquisa e a coleta dos dados para explicar o fenômeno do discurso desinformativo que ocorre no deslocamento de sentido, pelo qual se pode recortar e analisar estados diferentes de um mesmo objeto. Entende-se a manifestação do discurso se materializa na linguagem e se reorganiza na prática social em como funciona a produção de sentidos, e “o texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte [...] Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela referência a uma ou outra formação discursiva [...]” (Orlandi, 2020, p. 61). Para tal proposição, a análise deve ser a mais subjetiva possível, pois são construções que partem do movimento da língua relacionados à memória e, dessa forma, a particularidade da pesquisa utiliza critérios da AD e depende também da problemática, hipóteses e objetivos; esse processo estrutura a composição do *corpus* ao obedecer a prática de produção de sentido da pesquisa desta dissertação.

Vale destacar que a metodologia na AD se desenvolve em comum acordo entre as partes orientada e orientador, para a melhor execução e exequibilidade do tema do projeto, para posteriormente

extrair da melhor forma os dados levantados e que constituem o *corpus*. No geral, há um caminho sugerido a partir dos pressupostos teórico-metodológico traçado.

Adiante apresentamos o recorte discursivo (RD), que contém uma sequência de publicações, que datam do dia 21 de maio de 2020. O texto reafirma a ampliação do protocolo realizado para o uso da cloroquina contra a Covid-19. O discurso de defesa dos medicamentos para o tratamento precoce é retomado com a finalidade, agora, de abordar o contexto histórico do medicamento para transmitir confiança no seu uso em casos de Covid-19.

**Figura 5 – Publicações sobre o histórico da cloroquina e sua eficácia para outras doenças.**



Fonte: (SECOMVC, 2020).

Esse discurso tem como efeito de sentido a publicidade institucionalizada da cloroquina e aproxima os sujeitos interpelados e os que ainda tentam ser convencidos do funcionamento, para argumentar, na ausência de estudos e pesquisas, o histórico do tratamento com a cloroquina em outras

doenças e a longa tradição no mercado farmacêutico ao ser utilizada para diversas doenças, o que pode ser entendido como uma esperança nos resultados em relação à Covid-19.

O seguinte trecho aponta que “o governo federal ampliou o protocolo para uso da cloroquina contra a Covid-19 no Brasil” e afirma a existência de estudos em andamento, mas que ainda não apresentam resultados e demonstra uma regularidade recorrente no discurso institucional à ausência de dados, pesquisas, referências a centros de pesquisas ou etapas de testes e podemos perceber que, o RD se respalda na nota técnica<sup>6</sup> do Conselho Federal de Medicina (CFM) para autorizar o uso da cloroquina logo após os primeiros sintomas.

O anúncio do CFM diz que a autonomia do médico deve ser assegurada, e a autorização mencionada, divulgada em 23 de abril de 2020, declarava não haver indício na literatura científica que atestasse qualquer cura por meio do tratamento precoce, mas elaborou um parecer no qual, dentre os aspectos, estabelecia-se que a relação médico-paciente deveria nortear para oferecer o melhor tratamento disponível no momento.

O enunciado continua com: “Conheça a história do medicamento e sua eficácia” articula-se diante da tradição do medicamento na indústria farmacêutica em relação ao histórico contra doenças, como a malária que o uso dos medicamentos e que se utiliza para justificar uma possível eficácia para casos de Covid-19, o que tenciona o discurso acerca do uso do medicamento tomando seu histórico como base, e incita senso comum a reivindicação da cloroquina para tratar Covid-19, já que não apresenta resultados clínicos para respaldar o governo na decisão.

Então, vemos que o contexto histórico é um subterfúgio para a falta de dados, recorrendo-se a estudos históricos como comprovante para autorizar o novo protocolo dos medicamentos que compõem o tratamento precoce pelo ministério da saúde, com a finalidade de validar, no discurso, a defesa do novo protocolo. Ainda pode ser compreendido que o sentido do texto tenta unificar a eficácia em doenças como: “malária, artrite reumatoide, lúpus eritematoso, reumatismo e algumas condições dermatológicas” com foco para atestar o mesmo resultado em sintomas de Covid-19.

O discurso ainda expõe que: “O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de hidroxicloroquina”, o principal insumo para a fabricação da hidroxicloroquina, chamado de quina<sup>7</sup>, é extraído de uma árvore nativa da floresta Amazônica, isto é, busca algo que apela ao patriotismo típico do governo e que o Brasil tem capacidade de produção de hidroxicloroquina, o que também revela um discurso inflamado em torno do combate rápido e que é uma alternativa para os esforços em supostamente salvar vidas durante o auge de infecções e mortes na pandemia de Covid-19.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/cfm-condiciona-uso-de-cloroquina-e-hidroxicloroquina-a-criterio-medico-e-consentimento-do-paciente/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2020/06/cha-de-quina-coronavirus-cloroquina-malaria-hidroxicloroquina-quinina>. Acesso em: 25 abr. 2022.

No que se refere ao sentido do aspecto sintático em: “A cloroquina foi desenvolvida como um medicamento para o combate da malária” e continua em: “Recentemente, estudos com a cloroquina e hidroxicloroquina, realizados por diversos países, apresentaram bons resultados contra o coronavírus” além do governo Bolsonaro insistir em uma prática equivocada em defender os medicamentos que são comprovadamente ineficazes para preservar a desinformação. Para Orlandi (2020), a memória discursiva está ligada à relação situada em outros discursos, no já dito, e são ressignificados e reconfigurados para a compreensão do funcionamento discursivo na relação entre sujeitos e ideologia em confluência aos dizeres de uma formação discursiva, portanto estes enunciados produzem efeitos de sentido ao deslocamento no uso das medicações, que tratam principalmente doenças auto imune e malária, como pudemos ver no histórico apresentado, para o tratamento de Covid-19.

Neste sentido, o funcionamento discursivo causa um rompimento na ordem do repetível, já que o deslizamento de sentido reorganiza a memória e que estabelece o movimento de novas formulações aos termos “cloroquina” e “hidroxicloroquina” que passam a ter o sentido de “medicamentos contra Covid-19”, cujos sentidos derivados tornam-se outros. Em Orlandi (2020) a paráfrase retoma os espaços em que os dizeres podem produzir novas formulações até que haja estabilidade e a relação parafrástica trabalha continuamente o discurso, em uma retomada de palavras já ditas e promove mudanças na rede de filiação de sentido, ou seja, o sujeito e os sentidos se transformam ao significar. Outro fator importante para a análise é o reforço dado ao que vinha sendo construído, ao dizer, no final, que o novo protocolo era uma conquista de um direito do cidadão, joga com a legalidade ao alertar que se deve seguir as recomendações médicas. Esse tipo de contraponto visa legitimar tais medidas propostas pelo novo protocolo, pois há uma compreensão de que não há estudos relacionados que corroborem tal afirmação.

Ainda podemos identificar que o texto do RD induz a uma possível eficácia ao aderir apenas como possibilidade, tomando como base o processo histórico de eficácias de medicamentos que foram estudados para as respectivas doenças, anteriormente citadas, e que quanto aos estudos desse novo vírus requerem uma nova abordagem.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o funcionamento discursivo do deslocamento de sentido no uso da cloroquina no tratamento precoce para Covid-19. De forma geral, pensar o funcionamento discursivo não é uma tarefa simples, pois, ao observarmos o seu funcionamento, isto é, também observamos os seus sentidos mediante a como eles se estabelecem na relação entre sujeitos e como os sentidos se constituem no discurso. Para problematizar, então, o discurso e seus objetos de investigação na AD, o analista do discurso investiga os sentidos que se materializam no discurso por meio da língua e da história.

A AD provoca e reflete a relação entre sujeitos atravessados pela ideologia com implicações aos aspectos discursivos e com rupturas na linguagem para mediação do processo de significação de práticas sociais, que é constituída por três elementos: a formulação, a circulação e a recepção.

O funcionamento discursivo presente e a produção de sentido da disseminação de desinformação e *fake news*, para que houvesse um controle instaurado na relação assimétrica de poder a fim de privilegiar a defesa discursiva do tratamento precoce contra Covid-19, o que se pretendia era fortalecer um projeto político-ideológico que foi organizado com intuito de que setores da economia não fossem paralisados e afetados pela crise. Nesse aspecto, o uso de cloroquina tem sentido ideológico para afirmar uma visão sobre a eficácia do tratamento precoce em Covid-19 e fazer com que, assim, o governo Bolsonaro fosse aprovado pela iniciativa da defesa da cloroquina e da polarização de cunho político da pandemia.

Os procedimentos adotados na análise tornaram possível a interpretação desse processo em perceber a influência do discurso político do presidente Jair Bolsonaro, no discurso institucionalizado do seu governo em órgãos ministeriais, que entram em consonância com a uma visão que vai além do cargo de presidência da república, o que estimula e autoriza a produção de *fake news* ao desinformar sobre o tratamento precoce e para que ocorra a sua disseminação.

Por meio da análise, foi possível inferir que o deslocamento de sentido ocorre de forma única e exclusiva para interpelar o sujeito pela ideologia que atravessa o RD, por pertencerem a um posicionamento político relacionado ao tratamento precoce e, assim, estabilizar o discurso desinformativo para que prevaleça o sentido de defesa da cloroquina. Com a intenção de produzir *fake news* como forma de estratégia para mudar o sentido e omitir a informação.

## Referências

ALTHUSSER, L. Contradição e sobredeterminação: notas para uma pesquisa. In: ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Trad. Dirceu Lindoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 140, p. 30-47, jan. 2021.

KALSNES, Bente. Fake news. *Oxford Research Encyclopedia of Communication*, 26 Sept. 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-809>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes editores, 2007.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: PIERRE, A. *et al. Papel da Memória*. Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

QUANDT, Thorsten; FRISCHLICH, Lena; BOBERG, Svenja; SCHATTO-ECKRODT, Tim. *Fake News*. *Wiley Online Library*, 29 Apr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0128>.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.24>

Submetido em: 05/06/2024

Aprovado em: 03/09/2024